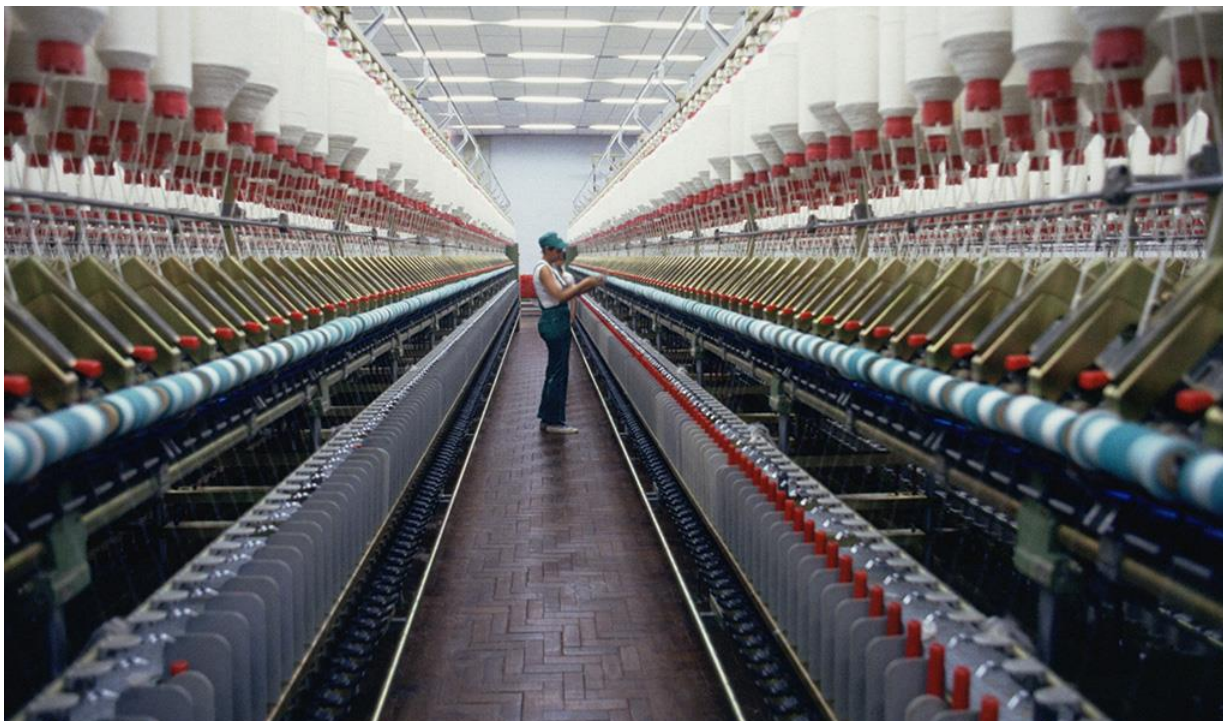


O declínio dos empregos no setor industrial nem sempre é motivo de preocupação

[Bertrand Gruss](#) e [Natalija Novta](#)

9 de abril de 2018



Fábrica têxtil em Recife, Brasil: em muitos países, a parcela de empregos no setor industrial está diminuindo (foto: Ingram Publishing/Newscom).

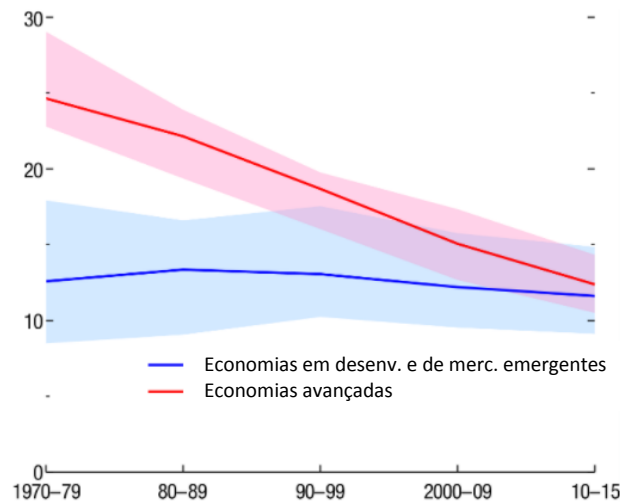
O número de empregos no setor industrial está diminuindo. Em muitas economias em desenvolvimento e de mercados emergentes, os trabalhadores estão migrando da agricultura para os serviços, sem passar pela indústria. Nas economias avançadas, o aumento do emprego no setor de serviços de modo geral reflete o desaparecimento direto dos empregos na manufatura.

O declínio nos empregos na manufatura costuma gerar ansiedade. Alguns receiam que a redução desse setor implique um crescimento econômico mais lento e uma escassez de empregos bem remunerados para os trabalhadores de baixa e média qualificação, contribuindo para agravar a desigualdade. No [capítulo 3 do *World Economic Outlook* de abril de 2018](#), reexaminamos os dados que sustentam essas crenças e constatamos que a queda da parcela dos empregos na manufatura nem sempre prejudica o crescimento ou eleva a desigualdade, desde que sejam aplicadas políticas corretas.

Declínio geral

A parcela dos empregos na manufatura vem diminuindo a um ritmo constante nas economias avançadas. Na maioria dos países em desenvolvimento e de mercados emergentes tem permanecido relativamente baixa, à medida que os trabalhadores passam da agricultura para os serviços.

(parcela da manufatura no emprego agregado, porcentagem)



Fonte: Cálculos do corpo técnico do FMI.

Nota: As linhas sólidas e as áreas sombreadas denotam a média simples e o intervalo interquartil entre as economias, respectivamente.



Mudanças na atividade econômica e na produtividade

Mudanças na atividade econômica são parte de um processo natural de “transformação estrutural”. À medida que as pessoas enriquecem, consomem mais serviços — como serviços financeiros e de saúde. Os avanços tecnológicos também levam a uma economia considerável em termos de mão de obra, sobretudo na manufatura.

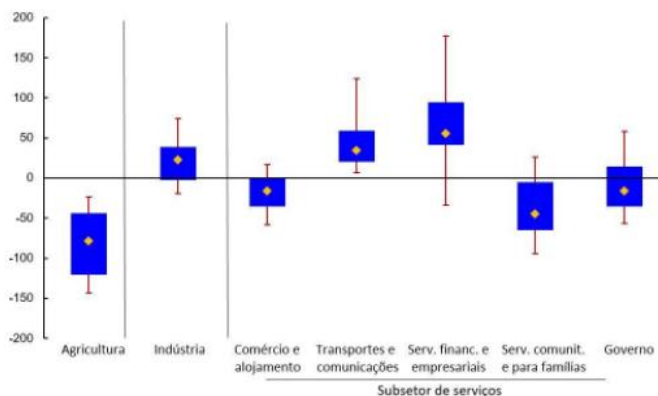
Nosso estudo apresenta novas evidências de como uma expansão mais vigorosa do emprego no setor de serviços em vez do setor industrial pode afetar a capacidade das economias em desenvolvimento e de mercados emergentes de alcançar os níveis de renda das economias avançadas. Usando dados das últimas cinco décadas relativos a um grande número de países, documentamos que alguns segmentos do setor de serviços são muito semelhantes à manufatura em termos de níveis, taxas de crescimento e convergência da produtividade (produção por trabalhador).

Alguns segmentos de serviços de mercado — como transportes, telecomunicações e serviços financeiros e empresariais — têm níveis e taxas de crescimento da produção por trabalhador mais altos do que os do setor industrial. Além disso, assim como se verifica na indústria, a produtividade da mão de obra em vários subsetores de serviços tende a convergir para a fronteira mundial: em outras palavras, cresce mais rápido onde é relativamente baixa, permitindo aos países com baixos níveis iniciais de produtividade alcançar os de níveis mais altos.

Alta produtividade

A produção por trabalhador em alguns subsetores do setor de serviços de mercado é comparável ou superior à da indústria.

(produção por trabalhador, 2005, diferença com respeito ao agregado, pontos percentuais)



Fonte: Cálculos do corpo técnico do FMI.

Nota: O losango dentro de cada caixa representa a mediana; as bordas superior e inferior de cada caixa mostram os quartis superior e inferior; e os marcadores vermelhos indicam os decis superior e inferior. Os serviços não mercantis abrangem a administração pública, a educação e a saúde (no gráfico, "Governo").



Como os segmentos do setor de serviços altamente produtivos — como comunicações, finanças e atividades empresariais — vêm atraindo trabalhadores mais rapidamente do que outros segmentos, a migração dos empregos da agricultura para os serviços desde a década de 2000 tem beneficiado a produtividade agregada da mão de obra nos países em desenvolvimento e de mercados emergentes em todas as regiões — sobretudo na África Subsaariana.

Naturalmente, as autoridades não devem deixar que essas constatações conduzam à complacência. As barreiras ao comércio internacional de serviços — muito mais altas do que no caso dos bens — devem ser reduzidas para que a expansão dos segmentos

altamente produtivos do setor de serviços não seja limitada pelo crescimento da demanda interna. As políticas também devem garantir o alinhamento das qualificações dos trabalhadores com as necessidades nos segmentos mais comercializáveis — como serviços financeiros e empresariais. E em muitos países em desenvolvimento e de mercados emergentes, onde a produtividade continua anêmica em todos os setores, é necessária uma abordagem abrangente para destravar o crescimento da produtividade, inclusive com medidas para fortalecer o capital humano e a infraestrutura física e melhorar o clima de negócios e investimento.

Mudanças na atividade econômica e na desigualdade de renda

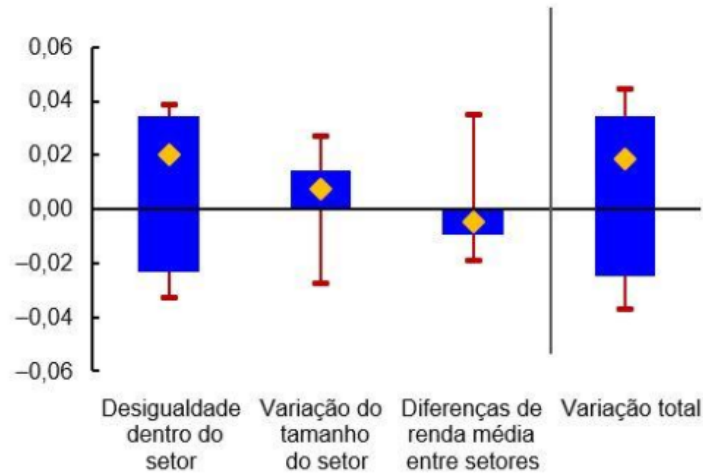
Outro receio comum em muitas economias avançadas refere-se ao desaparecimento de empregos de alta qualidade na indústria que simplesmente não existem no setor de serviços. À medida que fábricas fecham as portas, muitos trabalhadores de qualificação média se veem forçados a aceitar empregos mal remunerados no setor de serviços, contribuindo para distorções na distribuição de renda e para um aumento da desigualdade.

Nossa análise mostra que o *nível* da desigualdade de renda do trabalho na indústria (70% da qual corresponde à manufatura) é, de fato, um pouco menor do que nos serviços em uma amostra de 20 economias avançadas. Mas as características dos países são mais importantes do que o tamanho do setor industrial para explicar a desigualdade agregada. Por exemplo, a desigualdade na Dinamarca é de cerca de um terço da desigualdade nos Estados Unidos, tanto na indústria quanto nos serviços. E o fator mais preponderante a impulsionar a *variação* na desigualdade agregada nas economias avançadas desde os anos 80 tem sido o aumento das diferenças na remuneração em todos os setores — e não o declínio dos empregos na indústria.

Manufatura e desigualdade

Grande parte da variação na desigualdade geral pode ser explicada pelo aumento da desigualdade dentro dos setores, e não por mudanças no tamanho deste ou daquele setor devido à realocação de trabalhadores.

(contribuição para a variação da desigualdade geral da renda do trabalho entre as décadas de 1980 e 2000, pontos)



Fonte: Cálculos do corpo técnico do FMI.

Nota: O gráfico mostra a distribuição transnacional da variação na desigualdade agregada da renda do trabalho entre 1980-89 e 2000-09 e a contribuição de diferentes componentes nas economias avançadas. O losango dentro de cada caixa representa a mediana; as bordas superior e inferior de cada caixa mostram os quartis superior e inferior; e os marcadores vermelhos indicam os decis superior e inferior.



Ainda assim, as consequências negativas do desaparecimento de empregos no setor industrial podem ser consideráveis para cada trabalhador e para suas comunidades, sobretudo nas regiões que se desenvolveram como centros manufatureiros. Para assegurar que mudanças estruturais gerem ganhos inclusivos, as políticas devem facilitar a reciclagem dos trabalhadores deslocados e reduzir os custos da sua realocação. Contudo, as autoridades também devem estar cientes de que a realocação setorial pode ter um custo muito alto ou até mesmo ser inviável para alguns trabalhadores (como os próximos à idade de aposentadoria) e devem fortalecer as redes de proteção e as políticas de redistribuição direcionadas, conforme o caso.

Em suma, o declínio do setor industrial como fonte de emprego não vai necessariamente prejudicar o crescimento nem elevar a desigualdade. Para isso, porém, é crucial adotar as políticas certas.



Bertrand Gruss é economista do Departamento de Estudos do Fundo Monetário Internacional (FMI), onde trabalha no *World Economic Outlook*. Anteriormente, atuou no Departamento de Finanças Públicas, no Departamento da Europa e no Departamento do Hemisfério Ocidental. Antes de ingressar no FMI, trabalhou no Banco Central do Uruguai. Doutorou-se em Economia pelo European University Institute. Seus estudos têm como tema os vínculos macrofinanceiros, a política monetária, os preços de commodities e os efeitos de interrupções abruptas nos fluxos de capital.



Natalija Novta é economista do Departamento de Estudos do FMI, onde trabalha no *World Economic Outlook*. Anteriormente, atuou no Departamento do Hemisfério Ocidental e no Departamento de Finanças Públicas. Antes de ingressar no FMI, trabalhou no Conselho Fiscal e no Ministério das Finanças da Sérvia e no National Bureau of Economic Research. Doutorou-se em Economia pela Universidade de Nova Iorque. Seus estudos já abordaram temas como os fluxos comerciais, o emprego no setor público, a mudança climática e os conflitos.